

Golpe contra a conferência

Retirada das delegações dos EUA e de Israel esvazia encontro da ONU em Durban

DURBAN, África do Sul.

Estados Unidos e Israel abandonaram ontem a Conferência Mundial contra o Racismo, praticamente acabando com as esperanças de que o encontro organizado pela ONU consiga aprovar medidas práticas para conter a violência do Oriente Médio e esvaziando a reunião em Durban. Os dois países tinham enviado delegações de segundo escalão para a conferência, mas ontem decidiram encerrar sua participação devido aos termos usados nos rascunhos da declaração final, que compararam o sionismo ao racismo.

— Instruí nossos representantes na conferência a voltarem para casa. Há uma tentativa de acusar apenas um país no mundo, Israel, por censura e abuso — afirmou em Washington, o secretário de Estado americano, Colin Powell.

Momentos depois da retirada oficial dos EUA da conferência, Israel seguiu o exemplo e anunciou que estava deixando o encontro. O vice-ministro israelense de Relações Exteriores, Michael Melchior, disse não ter esperança alguma no encontro:

— Não se pode salvar essa conferência, que se tornou uma farsa.

Numa tentativa desesperada de promover o retorno do diálogo, o governo da África do Sul propôs que fosse escrito um texto novo para ser discutido, o que encontrou apoio dos 15 países da União Europeia, que também discordam do rascunho original. Nele, afirma-se que em Israel “há violência baseada em racismo e em idéias discriminatórias, em particular do movimento sionista, que baseia-se em superioridade racial.” Apesar disso, a chance do retorno das delegações é praticamente nula.

Annan lamenta abandono dos EUA

• Desde o primeiro dia, o conflito no Oriente Médio foi o principal assunto da conferência, deixando possíveis pedidos de desculpas devido ao tráfico de escravos em segundo plano. Manifestantes pressionavam por medidas duras contra a política israelense contra os palestinos e o líder Yasser Arafat denunciou uma limpeza étnica.

A notícia, se não chegou a ser surpreendente, provocou reações iradas dos estados árabes, mas causou tristeza em organizações não-governamentais como a Anistia Internacional e a Human Rights Watch, além do secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Tem-se que outros assuntos também não atinjam resultados práticos.

— Considero lamentável, porque gostaria de vê-los lá — afirmou Annan, de Kigali, capital de Ruanda.

Logo depois do anúncio do abandono dos EUA, o governo da África do Sul demonstrou sua irritação, acusando os americanos de estarem inventando desculpas:

— Há a percepção de que a retirada dos EUA visa apenas a desviar a atenção sobre a má vontade do país para confrontar assuntos reais de racismo em seu território — afirmou Esop Pahad, ministro da presidência.

O abandono se seguiu à recusa da Autoridade Nacional Palestina e seus aliados em aceitar um texto proposto por Noruega e Canadá, que extirpavam do texto referência a Israel e o sionismo, mas fazia referências ao apelo palestino.

Os EUA se defendem das acusações e afirmam que Israel vinha sendo o único assunto do encontro.

— Aqueles que se empenham em tornar a conferência refém da propaganda mostraram uma grande inabilidade. A conferência está caindo vítima de suas próprias práticas discriminatórias — afirmou Tom Lantos, chefe da delegação de parlamentares americanos em Durban.

Diplomatas israelenses afirmam que Israel foi vítima de intolerância no encontro da ONU:

— Desde os tempos da Segunda Guerra Mundial, não se utilizavam palavras tão carregadas de ódio contra o povo judeu. — afirmou Eitan Surkis, cônsul-geral de Israel no Rio de Janeiro.

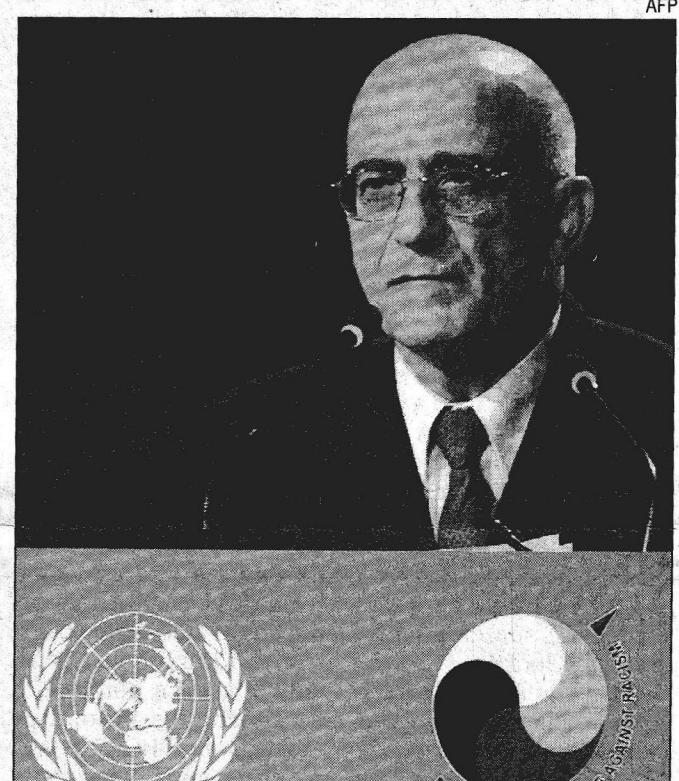
Reuters



UM MANIFESTANTE americano protesta contra a decisão dos EUA: “Vergonha para o governo dos EUA”



O DEPUTADO Tom Lantos anuncia a retirada dos americanos



O ISRAELENSE MORDECHAI Yedid anuncia a retirada de seu país

AP